



AO RITMO DE UM POEMA

SLAMMED • LIVRO 1

COLLEEN HOOVER

TOP
SEL
LER

AUTORA DE *ISTO ACABA AQUI* E *VERITY*

*Dedico este livro aos Avett Brothers,
por me terem dado a motivação para
«decidir o que ser e seguir em frente».*



PRIMEIRA PARTE



1

*I'm as nowhere as I can be,
Could you add some somewhere to me?*¹

«Salina», The Avett Brothers

Eu e o Kel carregamos as últimas duas caixas na carrinha de mudanças da U-Haul. Ao puxar a porta para baixo e fechar o trinco, encerro dezoito anos de memórias, todas elas com o meu pai.

Já se passaram seis meses desde que ele faleceu. Tempo suficiente para que o Kel, o meu irmão de 9 anos, já não chore sempre que falamos dele, mas recente ao ponto de estarmos a ser obrigados a aceitar as consequências financeiras que uma família agora com um único progenitor acarreta. Uma família que já não se pode dar ao luxo de permanecer no Texas e na única casa que conheci em toda a minha vida.

¹ Poderá ser traduzido como: «Estou tão à nora quanto alguém pode estar, consegues dar-me algum rumo?» [N. T.]

— Lake, deixa-te de ser tão pessimista — diz a minha mãe, estendendo-me as chaves da casa. — Acho que vais adorar o Michigan.

Nunca me chama pelo meu nome de batismo. Ela e o meu pai demoraram nove meses a decidir o meu nome: ela gostava de Layla, por causa da canção do Eric Clapton, e o meu pai gostava de Kennedy, por causa de um dos Kennedys.

«Não interessa qual Kennedy», costumava ele dizer. «Gosto de todos!»

Tinha quase três dias de vida quando o hospital os obrigou a tomar uma decisão. Acabaram por juntar as três primeiras letras de ambos os nomes e chegaram a um consenso: Layken. Mas, até hoje, nenhum dos dois alguma vez me chamou por esse nome.

Imito o tom da minha mãe:

— Mãe, deixa-te de ser tão *otimista*! Vou *detestar* o Michigan.

A minha mãe tem o dom de conseguir dar um sermão inteiro só com um olhar. E eu acabo de o receber.

Subo os degraus do alpendre e entro em casa para fazer uma última inspeção antes de rodar a chave pela última vez. Todas as divisões estão inquietantemente vazias. Nem parece que estou a percorrer a casa onde vivi desde o dia em que nasci. Estes últimos seis meses foram um turbilhão de emoções — todas elas más. Mudarmo-nos daqui era inevitável, sei disso. Apenas esperava que acontecesse só depois de terminar o meu *último* ano de escola.

Estou parada em pé no interior da divisão que já não é a nossa cozinha quando avisto um gancho de cabelo de plástico roxo debaixo do armário, no espaço onde antes estava

o frigorífico. Apanho-o, limpo-lhe o pó e passo-o entre os dedos, de um lado para o outro.

«Vai voltar a crescer», disse o meu pai.

Eu tinha 5 anos. A minha mãe tinha deixado a tesoura pousada na bancada da casa de banho. Pelos vistos, fiz o que quase todas as crianças da minha idade fazem: cortei o meu próprio cabelo.

«A mamã vai ficar tão zangada comigo», disse eu, a chorar. Achava que, se cortasse o cabelo, ele cresceria imediatamente e ninguém notaria. Cortei um pedaço bem generoso da franja e sentei-me em frente ao espelho durante, provavelmente, uma hora, à espera de que o cabelo voltasse a crescer. Apanhei os fios castanhos e lisos do chão e segurei-os na mão, a pensar em como os poderia prender de novo à cabeça, até que comecei a chorar.

Quando o meu pai entrou na casa de banho e viu o que eu tinha feito, limitou-se a rir. Pegou-me ao colo e sentou-me em cima da bancada. «A mamã nem sequer vai reparar, Lake», prometeu ele, enquanto tirava qualquer coisa do armário da casa de banho. «Por acaso, eu até tenho aqui um bocadinho de magia.» Abriu a mão e mostrou-me o gancho roxo. «Enquanto usares isto no cabelo, a mamã nunca saberá.» Alisou-me as madeixas que ainda restavam do meu cabelo e prendeu-as com o gancho. Depois, virou-me para o espelho. «Vês? E está como novo!»

Olhei para o nosso reflexo e senti-me a rapariga mais sortuda do mundo. Não conhecia mais nenhum pai que tivesse ganchos mágicos.

Usei aquele gancho todos os dias durante dois meses, e a minha mãe nunca disse uma palavra sobre isso.

Agora que penso nisso, percebo que ele provavelmente lhe contou o que eu tinha feito. Mas, quando tinha 5 anos, acreditava na magia dele.

Pareço-me mais com a minha mãe do que com o meu pai. Eu e a minha mãe somos de estatura média. Depois de ter dois filhos, ela já não consegue vestir as minhas calças de ganga, mas, tirando isso, partilhamos quase tudo. Ambas temos o cabelo castanho que, dependendo do tempo, pode ser liso ou ondulado. Os olhos dela são de um verde-esmeralda mais intenso do que os meus, embora talvez seja a palidez da sua pele que os faz sobressair.

Saí ao meu pai em tudo o que realmente importa. Temos o mesmo sentido de humor sarcástico, a mesma personalidade, o mesmo amor pela música, o mesmo riso. O Kel é outra história. Fisicamente, sai ao nosso pai, com o cabelo louro-escuro e os traços suaves. Para um miúdo de 9 anos, é baixinho para a idade, mas a personalidade compensa bem aquilo que lhe falta em tamanho.

Encaminho-me para o lava-loiça, abro a torneira e começo a esfregar com o polegar os treze anos de sujidade acumulada no gancho de cabelo. O Kel entra na cozinha às arrecuas precisamente quando estou a secar as mãos nas calças. É um miúdo estranho, mas eu não podia amá-lo mais. Gosta de brincar ao que chama «o dia ao contrário», durante o qual passa grande parte do tempo a andar às arrecuas, a falar de trás para a frente e até a pedir a sobremesa antes da refeição. Suponho que, com a grande diferença de idade entre nós e sem mais irmãos com quem brincar, precisa de encontrar uma forma de se entreter.

— Layken, para te despachares a mãe diz! — diz ele, invertendo a ordem da frase.

Guardo o gancho no bolso das calças e saio de casa, trancando a porta de entrada pela última vez.

Nos dias seguintes, eu e a minha mãe alternamos entre conduzir o meu jipe e a carrinha de mudanças, e só paramos duas vezes em hotéis para dormir. O Kel vai trocando de carro, passando o último dia comigo na carrinha. Completamos o último e cansativo trajeto de nove horas durante a noite, fazendo apenas uma única pausa rápida. À medida que nos aproximamos da nossa nova cidade, Ypsilanti, dou-me conta do seu ambiente e do facto de já estarmos com o aquecimento do carro ligado no mês de setembro. Não tenho dúvidas de que irei precisar de roupa nova.

Faço a última curva à direita para a nossa rua e o GPS informa-me de que «cheguei ao meu destino».

— Ao meu destino — rio-me sozinha. O meu GPS não percebe nada disto.

A rua sem saída não é muito comprida, com cerca de oito casas térreas de tijolo alinhadas de cada lado da rua. Há uma tabela de basquetebol num dos caminhos de acesso, o que me dá esperança de que o Kel possa ter alguém com quem jogar. Para ser sincera, parece um bairro decente. Os jardins estão bem cuidados, os passeios estão limpos, mas há muito betão. Demasiado. Já sinto saudades de casa.

O nosso novo senhorio enviou-nos fotografias da casa por e-mail, por isso reconheço-a de imediato. É pequena.

É mesmo *muito* pequena. No Texas, tínhamos uma casa de estilo rancho num terreno de vários hectares. O pedaço de terra em redor *desta* casa limita-se a cimento e anões de jardim. A porta da frente está escancarada, e é de lá que vejo um homem mais velho, que suponho ser o nosso novo senhorio, a sair e a acenar.

Avanço mais cinquenta metros para depois poder entrar pelo caminho de acesso em marcha-atrás e ficar com a traseira da carrinha virada para a porta da frente. Antes de engatar a marcha-atrás, estico o braço e sacudo o Kel para o acordar. Tem estado ferrado a dormir desde o Indiana.

— Kel, acorda — sussurro. — Chegámos ao nosso *destino*.

Ele estica as pernas, boceja e encosta a testa à janela para espreitar a nossa nova casa.

— Olha, está um miúdo no jardim! — diz ele. — Achas que também mora na nossa casa?

— Espero bem que não — respondo. — Mas deve ser nosso vizinho. Sai e vai lá apresentar-te, enquanto eu faço marcha-atrás.

Depois de posicionar a carrinha, passo a mudança para a opção de estacionamento, baixo os vidros e desligo o motor. A minha mãe chega logo em seguida, no meu jipe, e sai do carro para ir cumprimentar o senhorio. Encolho-me ligeiramente no banco e apoio o pé no tablier, observando o Kel e o seu novo amigo a travarem um duelo com espadas imaginárias no meio da rua. Tenho inveja dele. Inveja do modo como aceita tão facilmente esta mudança, enquanto eu fico presa neste papel de miúda zangada e ressentida.

Quando a minha mãe tomou a decisão de nos mudarmos, ele ficou chateado. Sobretudo porque estava a meio

da época da Liga Infantil. Tinha amigos de quem iria sentir falta, mas, aos 9 anos, o melhor amigo de uma criança é geralmente imaginário... e vive do outro lado do oceano. A minha mãe acalmou-o depressa, prometendo que ele poderia inscrever-se no hóquei no gelo, um sonho antigo que nunca conseguira concretizar no Texas. Era um desporto difícil de encontrar no Sul rural. Assim que ela lhe fez essa promessa, ele animou-se logo — talvez até demasiado — com a ideia de nos mudarmos para o Michigan.

Percebo porque tivemos de nos mudar. O meu pai ganhava bem como gerente de uma loja de tintas. A minha mãe era enfermeira, mas só trabalhava quando era chamada para suprir necessidades, por isso dedicava-se sobretudo à casa e a nós. Cerca de um mês depois de ele morrer, ela conseguiu arranjar um emprego a tempo inteiro. Vi o luto a pesar-lhe nos ombros, misturado com a responsabilidade de ser agora a chefe de família.

Uma noite, durante o jantar, ela explicou-nos que o dinheiro que lhe restava não era suficiente para continuar a pagar todas as contas e a hipoteca. Disse que havia um emprego onde poderia ganhar mais, mas que teríamos de nos mudar. O trabalho foi-lhe oferecido pela Brenda, uma velha amiga dos tempos do liceu. Cresceram juntas na cidade natal da minha mãe, Ypsilanti, nos arredores de Detroit. O salário era muito melhor do que qualquer coisa que ela pudesse encontrar no Texas, por isso não teve alternativa senão aceitar. Não a culpo por nos termos mudado. Os meus avós já faleceram e ela não tem ninguém que a ajude. Compreendo porque tivemos de o fazer, mas compreender uma situação nem sempre a torna mais fácil.

— Layken, estás morta! — grita o Kel pela janela aberta, espetando a sua espada imaginária no meu pescoço. Fica à espera de que eu me atire para o lado, mas eu limito-me a revirar-lhe os olhos. — Eu esfaqueei-te. Devias morrer! — insiste.

— Acredita, já estou morta — murmuro, abrindo a porta para sair da carrinha. O Kel deixa descair os ombros e fixa os olhos no chão de cimento, segurando junto ao corpo a espada imaginária já tombada. O novo amigo está parado atrás dele, com a mesma expressão desanimada, o que imediatamente me faz arrepender de lhes ter estragado a brincadeira com o meu mau humor.

— Já estou morta — repito, agora com a melhor voz de monstro que consigo. — Porque sou um *zombie*!

Eles começam a gritar enquanto eu estendo os braços, inclino a cabeça para o lado e solto um grunhido gutural.

— Cérebros! — resmungo, avançando atrás deles de pernas rígidas, dando a volta à carrinha. — Cérebros!

Estou a contornar lentamente a parte da frente da carrinha, com os braços esticados à frente do corpo, quando reparo que alguém agarrou o meu irmão e o seu novo amigo pelas golas das camisolas.

— Apanhei-os! — grita o desconhecido, segurando os dois rapazes que se debatem e gritam.

Parece ter mais uns dois ou três anos do que eu e é bem mais alto. A maioria das raparigas provavelmente descrevê-lo-ia como «giro», mas eu não sou a maioria das raparigas. Os miúdos esperneiam para se soltar, e os músculos do desconhecido retesam-se por baixo da camisola ao tentar mantê-los sob controlo.

Ao contrário de mim e do Kel, estes dois não deixam dúvidas de que são irmãos. Tirando a diferença óbvia de idade, são iguais. Têm ambos a mesma pele morena e suave, o mesmo cabelo preto-azeviche e até o mesmo penteado. Ele solta uma gargalhada quando o Kel consegue libertar-se e começa a atingi-lo com a sua «espada». Nesse instante, olha para mim e articula com os lábios um silencioso «Socorro», e é então que percebo que continuo imóvel na minha pose de *zombie*.

O meu primeiro instinto é voltar para dentro da carrinha e esconder-me no chão para o resto da vida. Mas, em vez disso, torno a gritar «Cérebros!» e atiro-me para a frente, fingindo morder o miúdo mais novo no topo da cabeça. Agarro no Kel e no amigo e começo a fazer-lhes cócegas até os dois caírem em cima um do outro, derretidos de riso, no piso de cimento.

Quando me endireito, o irmão mais velho estende-me a mão.

— Olá, sou o Will. Moramos do outro lado da rua — diz ele, apontando para a casa que fica em frente à nossa.

Retribuo o aperto de mão.

— Sou a Layken. Acho que moro aqui — digo, lançando um olhar à casa atrás de mim.

Ele sorri. O aperto de mão prolonga-se por mais tempo do que o esperado, sem que nenhum de nós diga nada. Odeio momentos constrangedores!

— Então, bem-vinda a Ypsilanti — diz ele, soltando a mão da minha e enfiando-a no bolso do casaco. — De onde é que vieram?

— Do Texas? — respondo. Não sei porque é que a minha resposta soa como uma pergunta. Na verdade, não

sei porque é que estou a analisar o motivo pelo qual soou como uma pergunta. E também não sei porque é que estou a analisar o facto de estar a analisar isso. Estou atrapalhada. Deve ser da falta de sono dos últimos três dias.

— Texas, hein? — diz ele, balançando-se ligeiramente para trás e para a frente nos calcanhares. O constrangimento aumenta quando não consigo responder. Ele baixa o olhar para o irmão e inclina-se, agarrando-o pelos tornozelos. — Tenho de levar este pequenote para a escola — diz, lançando o irmão sobre as costas num movimento ágil. — Esta noite vai haver uma frente fria. Deviam tentar descarregar o máximo que conseguirem antes disso. Vai durar uns dias, por isso, se precisarem de ajuda para descarregar durante a tarde, avisem. Devemos estar em casa por volta das quatro.

— Claro, obrigada — digo. Eles atravessam a rua e eu ainda estou a observá-los quando o Kel me espeta a «espada» no fundo das costas. Solto um grito e caio de joelhos, agarrando-me à barriga enquanto ele trepa para cima de mim e me dá o golpe final. Olho novamente para o outro lado da rua e vejo o Will a olhar para nós. Ele fecha a porta do carro do lado do irmão, dá a volta até à porta do condutor e acena antes de entrar.

Demoramos o dia quase todo a descarregar as caixas e os móveis. O nosso senhorio ajuda-nos a transportar os objetos maiores, aqueles que eu e a minha mãe não conseguimos levantar sozinhas. Demasiado cansadas para nos preocuparmos com as caixas que ainda estão dentro do jipe,

concordamos em deixá-las para o dia seguinte. Sinto-me um pouco desiludida quando a carrinha finalmente se esvazia; já não tenho desculpa para pedir ajuda ao Will.

Assim que a minha cama está montada, começo a pegar nas caixas identificadas com o meu nome que ficaram no corredor. Já desempacotei a maioria e até fiz a cama, quando reparo nas sombras que os móveis do quarto projetam nas paredes. Olho pela janela e vejo que o sol já se está a pôr. Ou os dias são muito mais curtos aqui, ou perdi completamente a noção do tempo.

Encontro a minha mãe e o Kel na cozinha a guardar pratos nos armários. Subo para um dos seis bancos altos encostados ao balcão, que também faz de mesa de refeições, visto que a casa não tem uma sala de jantar. Este sítio não tem muito que se lhe diga. Assim que se entra pela porta da frente, há um pequeno *hall* que dá diretamente para a sala de estar. A sala separa-se da cozinha apenas por um corredor à esquerda e uma janela à direita. O tapete bege da sala termina num rodapé de madeira que se prolonga pelo resto da casa.

— Isto está tudo tão limpo — comenta a minha mãe, continuando a arrumar a loiça. — Ainda não vi um único inseto.

No Texas há mais insetos do que vegetação. Quando não se está a enxotar moscas, está-se a matar vespas.

— É essa a vantagem do Michigan, suponho eu — respondo, abrindo uma caixa de pizza que tenho à minha frente e analisando a seleção.

— A vantagem? — Ela pisca-me o olho enquanto se inclina sobre o balcão para pegar numa fatia de pizza de

pepperoni e a levar à boca. — Eu diria que há pelo menos duas vantagens.

Finjo que não percebo a indireta.

— Vi-te a falar com aquele rapaz esta manhã — comenta ela, com um sorriso.

— Oh, por favor, mãe! — respondo, esforçando-me para soar o mais indiferente possível. — Tenho quase a certeza de que não é surpresa para ninguém que o Texas não é o único estado habitado pelo género masculino. — Vou até ao frigorífico e tiro uma lata de refrigerante.

— O que é nabitado? — pergunta o Kel.

— Habitado — corrijo. — Significa ocupar, residir, morar, povoar, viver, *instalar-se*. — As aulas de preparação para os exames estão a valer a pena.

— Ah, tipo como nós nabitámos o Ypsilanti? — diz ele.

— Habitámos — volto a corrigir. Acabo a fatia de pizza e dou um gole no refrigerante. — Estou de rastos, pessoal. Vou para a cama.

— Quer dizer que vais *habitar* o teu quarto? — pergunta o Kel.

— És um aluno aplicado, jovem gafanhoto. — Inclino-me para lhe beijar o topo da cabeça antes de me retirar para o quarto.

Sabe tão bem enfiar-me debaixo dos cobertores. Pelo menos a minha cama é-me familiar. Fecho os olhos e tento imaginar-me ainda no meu antigo quarto. O meu quarto *quentinho*. Os lençóis e a almofada estão gelados, por isso puxo as cobertas por cima da cabeça para gerar algum calor. Nota mental: ir à procura do termóstato logo de manhãzinha.

* * *

E é exatamente isso que me proponho a fazer assim que saio da cama e os meus pés descalços tocam no chão gelado. Tiro um casaco do armário e visto-o por cima do pijama enquanto procuro umas meias. É uma busca inútil. Caminho em bicos dos pés pelo corredor, tentando não acordar ninguém e, ao mesmo tempo, expondo o mínimo possível dos pés à frieza do soalho de madeira. Ao passar pelo quarto do Kel, reparo nas suas pantufas do Darth Vader largadas no chão. Entro sorrateiramente, calço-as e, finalmente, sinto algum alívio ao seguir para a cozinha.

Olho em volta à procura da cafeteira, mas não a encontro. Lembro-me de ter posto essa caixa no jipe, o que é uma péssima notícia, porque tenho o carro estacionado lá fora. Lá fora, neste frio absurdo.

Não encontro os casacos em lado nenhum. No Texas, raramente precisamos de casacos em setembro. Pego nas chaves e decido que vou ter de fazer uma corrida louca até ao jipe. Abro a porta da frente e deparo-me com uma substância branca a cobrir o jardim. Levo um segundo a perceber o que é. Neve? Em setembro? Baixo-me, pego num pouco de neve e examino-a nas mãos. No Texas não neva com frequência, e quando acontece, não é *deste* tipo de neve. A neve texana mais parece minúsculos pedaços de granizo endurecido. Mas a neve do Michigan é exatamente como sempre imaginei que a neve verdadeira seria: fofa, macia e *gelada!* Largo a neve num instante e seco as mãos na camisola enquanto caminho determinada até ao jipe.

Não chego muito longe. No instante em que as pantuflas do Darth Vader tocam no cimento salpicado de neve, deixo de ver o jipe à minha frente. Estou de costas no chão, a encarar o límpido céu azul. Sinto de imediato uma pontada no ombro direito e percebo que aterrei em cima de algo duro. Ponho-me às apalpadelas e retiro um gnomo de jardim de debaixo de mim, com metade do seu chapéu vermelho partido em pedaços. Está a sorrir para mim. Solto um gemido, ergo o gnomo com o braço que ainda me obedece e recuo, pronta para o atirar para bem longe, quando sou interrompida.

— Se fosse a ti não fazia isso!

Reconheço a voz do Will de imediato. O tom é suave e reconfortante, como o do meu pai, mas ao mesmo tempo carrega uma firmeza inegável. Endireito-me e vejo-o a subir o caminho de acesso.

— Estás bem? — Ele ri-se.

— Vou sentir-me muito melhor depois de partir esta coisa — resmungo, tentando levantar-me sem sucesso.

— Não queiras fazer isso. Os gnomos dão sorte — diz ele ao chegar ao pé de mim. Tira-me o gnomo das mãos e pouso-o com cuidado na relva coberta de neve.

— Sim — murmuro, olhando para o corte no meu ombro, que agora me mancha a manga do casaco com um círculo vermelho-vivo. — Uma sorte *tremenda*.

O riso do Will esmorece ao ver o sangue na minha roupa.

— Oh, meu Deus, desculpa! Não me estaria a rir se soubesse que estavas ferida. — Baixa-se, segura-me pelo braço ileso e ajuda-me a levantar. — Tens de pôr uma ligadura nisso.

— Não faço ideia de onde encontrar uma ligadura nesta casa — digo, lembrando-me das pilhas de caixas ainda por abrir.

— Tens de vir comigo. Temos algumas na cozinha.

Ele tira o casaco e coloca-o sobre os meus ombros, segurando-me pelo braço enquanto me ajuda a atravessar a rua. Sinto-me um pouco patética por precisar da assistência dele... consigo perfeitamente andar sozinha. Mas não me queixo. E, ao mesmo tempo, sinto-me uma traidora de todo o movimento feminista. Regredi ao papel de donzela em apuros.

Tiro o casaco e pouso-o sobre o encosto do sofá, seguindo-o depois até à cozinha. A casa ainda está às escuras, por isso suponho que toda a gente ainda esteja a dormir. É mais espaçosa do que a nossa. A disposição dos espaços é semelhante, mas a sala de estar parece alguns metros maior. Uma grande janela saliente, com um banco e almofadas volumosas, oferece vista para o jardim.

Ao longo da parede oposta à cozinha estão penduradas várias fotografias de família. A maioria é do Will e do irmão mais novo, com algumas imagens onde aparecem os pais. Aproximo-me para as observar enquanto ele procura uma ligadura. Devem ter herdado os traços do pai. Numa fotografia que parece ser a mais recente, mas já com alguns anos, o pai tem os braços à volta dos dois rapazes, apertando-os num abraço espontâneo para a câmara. O cabelo preto-azeviche está salpicado de grisalho, e um bigode espesso contorna o seu enorme sorriso. As suas feições são idênticas às do Will. Ambos têm aquele olhar que sorri quando se riem, revelando dentes perfeitamente brancos.

A mãe do Will é deslumbrante. Tem um cabelo louro comprido e, pelo menos nas fotos, parece alta. Não consigo distinguir nenhuma característica facial que tenha passado para os filhos. Talvez o Will tenha herdado a sua personalidade. Todas aquelas fotografias na parede demonstram uma enorme diferença entre esta casa e a minha. Esta, sim, é um *lar*.

Vou até à cozinha e sento-me ao balcão.

— O corte precisa de ser limpo antes de podes a ligadura — diz ele, arregaçando as mangas e abrindo a torneira. Tem vestida uma camisa amarelo-pálida, ligeiramente translúcida sob a luz da cozinha, revelando o contorno da t-shirt interior. Tem ombros largos, e as mangas ajustam-se bem aos músculos dos braços. A parte superior da sua cabeça roça no armário por cima dele, e, pelo que conheço da minha própria cozinha, estimo que seja uns quinze centímetros mais alto do que eu. Estou a olhar para o padrão da sua gravata preta, que ele atirou por cima do ombro para não a molhar, quando ele fecha a torneira e regressa ao balcão. Sinto o rosto a aquecer e apresso-me a tirar-lhe o guardanapo húmido das mãos, pouco orgulhosa da atenção desnecessária que dei ao seu físico.

— Está bem assim — digo, puxando a manga sobre o ombro. — Eu trato disso.

Ele abre o invólucro de uma ligadura enquanto eu limpo o sangue da ferida.

— O que estavas a fazer lá fora em pijama às sete da manhã? — pergunta. — Ainda estão a descarregar as coisas?

Abano a cabeça e atiro o guardanapo para o caixote do lixo.

— Café.

— Ah. Suponho que não sejas uma pessoa matinal — diz o Will, mais como se fosse uma afirmação do que uma pergunta.

Quando se aproxima para colocar a ligadura no meu ombro, sinto a sua respiração na minha pele. Esfrego os braços, tentando disfarçar os arrepios que me percorrem. Ele cola a ligadura e dá-lhe uma palmadinha leve.

— Pronto — diz. — Estás como nova.

— Obrigada. E *até sou* uma pessoa matinal — acrescento. — *Depois* de ter tomado café. — Levanto-me e olho por cima do ombro, fingindo inspecionar o curativo enquanto penso no que fazer a seguir. Já lhe agradeci. Posso simplesmente virar costas e ir embora, mas iria parecer rude, depois de ele me ter ajudado. No entanto, se ficar aqui parada à espera de que ele continue a conversa, poderei parecer uma tola por *não* ter ido embora. Nem sequer sei porque estou a complicar ações tão básicas por causa dele. Ele é apenas mais um habitante!

Quando me viro, ele está junto à bancada, a encher uma chávena de café. Encaminha-se na minha direção e poussa-a sobre o balcão à minha frente.

— Queres natas ou açúcar?

Abano a cabeça.

— Gosto do café simples. Obrigada.

Ele inclina-se ligeiramente sobre o balcão, observando-me enquanto bebo o café. Os seus olhos têm exatamente o mesmo tom de verde profundo que os da mãe, na fotografia. Afinal, herdou pelo menos um traço dela. Ele sorri e desvia o olhar para o relógio.

— Tenho de ir. O meu irmão está à espera no carro e eu preciso de ir para o trabalho — diz. — Acompanho-te até casa. Podes ficar com a chávena.

Olho para a chávena antes de dar mais um gole e reparo nas grandes letras estampadas de lado: Melhor Pai do Mundo. É exatamente igual à que o meu pai usava para beber café.

— Eu fico bem — digo, dirigindo-me para a porta da frente. — Acho que já dominei a arte de andar direita.

Ele segue-me até à rua e fecha a porta atrás de si, insistindo para que leve o casaco comigo. Coloco-o sobre os ombros, agradeço-lhe uma segunda vez e atravesso a estrada.

— Layken! — grita ele, mesmo quando estou prestes a entrar em casa. Viro-me e vejo-o parado na entrada da garagem.

— Que a Força esteja contigo! — Ri-se e salta para dentro do carro, deixando-me ali espedada a olhar para os chinelos do Darth Vader que ainda tenho calçados. Típico.

O café ajuda. Encontro o termóstato e, por volta da hora do almoço, a casa começa finalmente a aquecer. A mãe e o Kel foram à companhia de eletricidade para tratar da mudança do contrato para o nome dela, deixando-me sozinha com as últimas caixas — isto se não contarmos com o que ainda se encontra no jipe. Desfaço mais algumas e decido que está na altura de tomar um duche. Tenho quase a certeza de que já vou no terceiro dia com este ar de *hippie*.

Saio do duche e enrolo-me numa toalha, inclinando o cabelo para a frente para o escovar e secar com o secador.

Quando termino, aponto o secador para o espelho embaçado, desenhando um círculo limpo para conseguir aplicar um pouco de maquilhagem. Reparo que o meu bronzado já começou a desvanecer. Aqui não haverá grandes oportunidades para apanhar sol, por isso mais vale habituar-me a um tom de pele ligeiramente mais pálido.

Escovo o cabelo e prendo-o num rabo de cavalo. Em seguida, passo *gloss* nos lábios e aplico um pouco de rímel. Não faço questão de aplicar o *blush*, já não me parece necessário. Entre o frio e os meus breves encontros com o Will, as minhas bochechas parecem estar sempre coradas.

A mãe e o Kel já regressaram e tornaram a sair enquanto eu estava no duche. Ela deixou-me um bilhete a avisar que foram até ao centro da cidade com a Brenda, a amiga dela, para irem devolver a carrinha de mudanças. Sobre a bancada estão três notas de vinte dólares, ao lado das chaves do carro e de uma lista de compras. Agarrei em tudo e saí para o jipe, desta vez sem incidentes.

Só quando meto a marcha-atrás é que me apercebo de que não faço a mínima ideia para onde vou. Não conheço nada desta cidade, muito menos se devo virar à esquerda ou à direita ao sair da minha rua. O irmão mais novo do Will está no jardim, por isso aproximo o carro do passeio em frente à casa deles e baixo o vidro do lado do passageiro.

— Ei, anda cá um segundo! — Grito-lhe.

Ele olha para mim e hesita por um momento. Talvez tenha medo de que eu volte a entrar em modo *zombie*. Em seguida, aproxima-se do carro, mas detém-se a um metro de distância da janela.

— Como é que eu chego à mercearia mais próxima?
— pergunto.

Ele revira os olhos.

— A sério? Eu tenho 9 anos.

OK. Pelos vistos, a semelhança com o irmão é meramente física.

— Bem, obrigadinha por nada — digo. — Como é que te chamas, afinal?

Ele sorri de forma marota e grita:

— Darth Vader!

Desata a rir enquanto corre na direção oposta ao carro.

Darth Vader? Levo um segundo a perceber a piada. Está a gozar com as pantufas que usei esta manhã. Não é nada de especial. O que é especial é que o Will lhe deve ter falado de mim. Não consigo evitar imaginar a conversa entre os dois... e o que o Will pensa sobre mim. *Se* é que pensa. Por algum motivo, tenho pensado nele mais do que gostaria. Pergunto-me que idade terá, que curso estará a tirar, se está *solteiro*.

Felizmente, não deixei nenhum namorado para trás no Texas. Na verdade, não namoro com ninguém há quase um ano. Entre o secundário, o meu trabalho a tempo parcial e ajudar o Kel com o desporto, nunca tive muito tempo para rapazes. Sei que será um grande ajuste, passar de alguém sem qualquer tempo livre para alguém sem absolutamente nada para fazer.

Abro o porta-luvas para tirar o GPS.

— Não é boa ideia — diz o Will.

Ergo o olhar e vejo-o a dirigir-se para o carro. Faço um esforço para conter o sorriso que ameaça tomar conta do meu rosto.

— O que é que não é boa ideia? — pergunto, enquanto encaixo o GPS no suporte e o ligo.

Ele cruza os braços e apoia-se na janela do carro.

— Há muitas obras por aqui, neste momento. Essa coisa só vai fazer com que te percas.

Estou prestes a responder quando a Brenda, acompanhada pela minha mãe, encosta o carro ao meu lado. Baixa o vidro do lado do condutor e a minha mãe inclina-se sobre o banco.

— Não te esqueças do detergente para a roupa... não sei se o pus na lista. Ah, e do xarope para a tosse. Acho que estou a ficar constipada — diz ela através da janela.

O Kel salta do banco de trás, corre até ao irmão do Will e convida-o a entrar para ver a nossa casa.

— Posso? — pergunta o irmão do Will.

— Claro — responde o Will, abrindo a porta do lado do pendura. — Eu volto daqui a pouco, Caulder. Vou com a Layken ao supermercado.

Vai? Lanço um olhar na sua direção e vejo-o a apertar o cinto de segurança.

— Não sou grande coisa a dar direções. Importas-te que vá contigo?

— Parece que não. — Solto uma pequena gargalhada.

Olho novamente para a Brenda e para a minha mãe, mas elas já subiram todo o caminho de acesso. Portanto, ponho o carro em marcha e sigo as indicações do Will para sair do bairro.

— Então, o teu irmão mais novo chama-se Caulder? — pergunto, numa tentativa pouco empenhada de meter conversa.

— O meu único irmão. Os meus pais tentaram durante anos ter outro filho depois de mim. Acabaram por ter o Caulder numa altura em que nomes como Will já não estavam assim tão na moda.

— Eu gosto do teu nome — digo, mas arrependo-me assim que as palavras me saem da boca. Parece uma tentativa patética de engate.

Ele ri-se. Gosto da forma como se ri. Odeio o facto de gostar da forma como se ri.

Fico sobressaltada quando o sinto afastar-me o cabelo do ombro e tocar-me no pescoço. Os seus dedos deslizam por baixo da gola da minha camisola e puxam-na ligeiramente para baixo, deixando o meu ombro à mostra.

— Vais precisar de mudar o penso em breve. — Ele puxa a minha camisola para cima e dá-lhe uma palmadinha. Os seus dedos deixam um rasto de calor no meu pescoço.

— Lembra-me de comprar mais ligaduras no supermercado — digo, esforçando-me por demonstrar que aquilo não me afeta nem um bocadinho.

— Então, Layken. — Ele faz uma pausa e lança um olhar para as caixas ainda empilhadas no banco de trás. — Fala-me de ti.

— Hum, nem pensar. Isso é tão cliché — respondo.

Ele ri-se.

— Está bem, então descubro por mim. — Inclina-se para a frente e carrega no botão de ejetar do meu leitor de CD. Os seus movimentos são tão naturais, como se os tivesse ensaiado durante anos. Invejo-o por isso. Nunca me destaquei pela minha graciosidade.

— Sabes, dá para ficar a conhecer muito sobre uma pessoa através do seu gosto musical — diz, pegando no CD e olhando para a etiqueta. — «Merda da Layken»? — lê em voz alta, soltando uma gargalhada. — «Merda» no sentido descritivo ou possessivo?

— Não gosto que o Kel mexa nas minhas merda, OK? — Arranco-lhe o CD das mãos e volto a enfiá-lo no leitor.

Assim que o som do banjo ecoa pelas colunas no volume máximo, sinto-me imediatamente envergonhada. Sou do Texas, mas não quero que ele confunda isto com música *country*. Se há coisa do Texas da qual *não* tenho saudades é precisamente da música *country*. Estico o braço para baixar o volume, mas ele agarra-me na mão em sinal de protesto.

— Aumenta outra vez o som, eu conheço esta música — diz. A sua mão continua por cima da minha.

Ainda tenho os dedos no botão do volume, por isso obedeço e volto a aumentar o som. Não há maneira de ele conhecer isto. Percebo que está a inventar... uma tentativa foleira de *flirt*.

— Ai é? — digo, desafiando-o. — Como é que se chama?

— São os Avett Brothers — responde. — Eu chamo-lhe «Gabriella», mas acho que é o final de uma das suas várias versões de «Pretty Girl». Adoro o final desta, quando entram as guitarras elétricas.

A resposta dele apanha-me completamente de surpresa. Afinal, ele conhece mesmo a música.

— Gostas dos Avett Brothers?

— *Adoro!* Tocaram em Detroit no ano passado. O melhor concerto ao vivo a que já fui.

Sinto uma descarga de adrenalina a percorrer-me o corpo quando olho para a nossa mão, ainda entrelaçada sobre o botão do volume. Gosto da sensação, mas irrita-me estar a gostar. Já antes senti borboletas na barriga por causa de rapazes, mas costumo ter mais controlo sobre a forma como reajo a gestos tão banais.

Ele repara no meu olhar, solta-me e esfrega as palmas das mãos nas calças. Parece um gesto nervoso, e pergunto-me se estará a sentir o mesmo desconforto que eu.

Tenho uma predileção por música que foge às tendências do momento. É raro encontrar alguém que tenha sequer ouvido falar de metade das bandas de que gosto. Os Avett Brothers são, sem dúvida, a minha banda favorita.

Eu e o meu pai costumávamos ficar acordados até tarde a cantar algumas das músicas deles, enquanto ele tentava reproduzir os acordes na sua guitarra. Uma vez, descreveu-os assim: «Lake, sabemos que uma banda tem verdadeiro talento quando as suas *imperfeições* definem a *perfeição*.»

Acabei por perceber o que ele queria dizer quando comecei a *ouvi-los com atenção*. Cordas de banjo partidas, lapsos momentâneos de harmonia carregados de paixão, vozes que deslizam do suave para o rouco, até chegarem a gritos desenfreados numa única estrofe. Tudo isso acrescenta profundidade, carácter e autenticidade à música deles.

Depois da morte do meu pai, a minha mãe deu-me um presente antecipado que ele tinha planeado oferecer-me no meu décimo oitavo aniversário: dois bilhetes para um concerto dos Avett Brothers. Chorei ao recebê-los, ao imaginar o quanto o meu pai devia ter ansiado por me dar aquele presente pessoalmente. Sabia que ele teria querido que eu os

usasse, mas não consegui. O concerto aconteceu algumas semanas após a sua morte, e eu sabia que não o conseguiria aproveitar. Pelo menos, não como aproveitaria se ele estivesse comigo.

— Eu também os adoro — digo com alguma hesitação.

— Já os viste ao vivo? — pergunta o Will.

Não sei bem porquê, mas, durante a nossa conversa, conto-lhe toda a história sobre o meu pai. Ele ouve com atenção, interrompendo apenas para me indicar quando e onde virar. Falo-lhe da nossa paixão pela música. Conto-lhe que o meu pai morreu de repente, de forma totalmente inesperada, vítima de um ataque cardíaco. Falo-lhe do presente de aniversário e do concerto ao qual nunca chegámos a ir. Não sei porque continuo a falar, mas simplesmente não consigo parar. Nunca partilho este tipo de coisas tão facilmente, muito menos com pessoas que mal conheço. Muito menos com *rapazes* que mal conheço. Ainda estou a falar quando reparo que já estamos parados no parque de estacionamento de um supermercado.

— Uau — digo, ao olhar para o relógio. — Este é o caminho mais rápido para o supermercado? Demorámos vinte minutos.

Ele pisca-me o olho e abre a porta.

— Não, na verdade, não é.

Decididamente, isto foi um *flirt*. E, decididamente, sinto borboletas na barriga.

Os flocos de neve começam a misturar-se com o granizo enquanto atravessamos o parque de estacionamento.

— Corre — diz ele. Agarra-me na mão e puxa-me a toda a velocidade em direção à entrada.

Chegamos ao interior da loja sem fôlego, ainda a rir, sacudindo a roupa molhada. Tiro o casaco e sacudo-o, quando a mão dele roça no meu rosto, afastando uma madeixa de cabelo húmido colada à minha bochecha. A sua pele está fria, mas assim que os seus dedos tocam na minha pele, esqueço o frio... porque o meu rosto aquece. O sorriso dele desvanece-se enquanto olhamos um para o outro. Ainda estou a tentar habituar-me às reações que ele provoca em mim. O mais leve toque, o gesto mais simples, tudo tem um efeito absurdo nos meus sentidos.

Aclaro a garganta e desvio o olhar, interrompendo o momento ao pegar num dos carrinhos disponíveis ao nosso lado. Entrego-lhe a lista de compras.

— Costuma nevar sempre em setembro? — pergunto, tentando parecer indiferente ao seu toque.

— Não. Isto não vai durar mais do que uns dias, talvez uma semana. Na maior parte das vezes, a neve só começa no final de outubro — responde. — Tiveste sorte.

— Sorte?

— Sim. É uma frente fria rara. Chegaste mesmo a tempo.

— Hum. Sempre pensei que vossemecês não gostassem nada de neve. Aqui não neva quase o ano inteiro?

Ele ri-se.

— Vossemecês?

— O que é que tem?

— Nada — responde com um sorriso. — Só nunca tinha ouvido ninguém dizer «vossemecês» assim, ao vivo. É giro. Tão à dama sulista.

— Ai, peço imensa desculpa — digo. — A partir de agora, faço como o pessoal aqui do Norte e passo a dizer «todos os aqui presentes».

Ele ri-se e dá-me um leve empurrão no ombro.

— Não faças isso. Gosto do teu sotaque, é perfeito.

Não acredito que me transformei numa daquelas raparigas que suspiram por um rapaz. Detesto tanto isso que começo a analisá-lo com mais atenção, à procura de um defeito. Não encontro nenhum. Até agora, tudo nele é perfeito.

Vamos buscar tudo o que está na lista e dirigimo-nos para a caixa. Ele recusa-se a deixar-me colocar seja o que for no tapete rolante, por isso fico simplesmente a observar enquanto ele descarrega os produtos do carrinho. O último item que pousa é uma caixa de ligaduras. Nem sequer o vi pegar nela.

Quando saímos do supermercado, o Will manda-me virar na direção oposta à que viemos. Conduzimos uns dois quarteirões até ele me mandar virar à esquerda... para a nossa rua. O trajeto que nos levou vinte minutos a fazer na ida demora menos de um minuto na volta.

— Que beleza — comento, ao estacionar na minha entrada. É então que me apercebo do que ele fez e que o *flirt* é mais do que óbvio.

O Will já contornou o jipe até à bagageira, por isso carrego no botão para a abrir. Saio do carro e vou ter com ele, à espera de que já tenha os braços carregados de sacos. Mas não. Está simplesmente ali, parado, a segurar a porta aberta e a observar-me.

Com a minha melhor imitação de dama sulista, coloco uma mão sobre o peito e exclamo:

— Ora! Eu jamais teria encontrado o supermercado sem a sua inestimável ajuda. Muito obrigada pela sua hospitalidade, gentil cavalheiro.

Espero que ele se ria, mas ele limita-se a ficar ali, a olhar para mim.

— *O que foi?* — pergunto, nervosa.

Ele dá um passo na minha direção e ampara-me suavemente o queixo com a mão livre. Fico chocada com a minha própria reação, com o facto de permitir que o faça. Ele estuda o meu rosto durante alguns segundos, enquanto o coração me dispara no peito. Acho que ele me vai beijar.

Tento controlar a respiração enquanto o encaro. Ele aproxima-se ainda mais, retira a mão do meu queixo e pousa-a na minha nuca, puxando-me levemente para si. Os seus lábios roçam a minha testa num beijo delicado, permanecendo ali por alguns segundos até ele retirar a mão e recuar.

— És tão querida — diz ele.

Depois, estica o braço para dentro da bagageira e, com um único movimento, pega em quatro sacos. Em seguida, leva-os até à minha casa e pousa-os junto à porta.

Fico paralisada, tentando assimilar os últimos quinze segundos da minha vida. De onde é que isto veio? E porque é que fiquei ali parada, simplesmente a deixá-lo fazer aquilo? Apesar das minhas objeções, percebo — de forma quase patética — que acabei de vivenciar o beijo mais apaixonado que já recebi de um rapaz... e foi apenas na testa, caraças!

* * *

Enquanto o Will estica o braço para dentro da bagageira para pegar em mais sacos de compras, o Kel e o Caulder saem disparados de casa, seguidos pela minha mãe. Os miúdos atravessam a rua a correr para irem ver o quarto do Caulder. O Will estende educadamente a mão à minha mãe quando ela se aproxima.

— A senhora deve ser a mãe da Layken e do Kel. Sou o Will Cooper, moramos aqui em frente.

— Julia Cohen — responde ela. — És o irmão mais velho do Caulder?

— Sim, senhora — diz ele. — Doze anos mais velho.

— Então tens... 21? — Ela lança-me um olhar rápido e pisca-me o olho. Como estou atrás do Will, aproveito para retribuir um dos seus olhares reprovadores mais famosos. Ela limita-se a sorrir e volta a atenção para o Will. — Ainda bem que o Kel e a Lake fizeram amigos tão depressa — comenta.

— Também acho — responde ele.

Ela vira-se para entrar em casa, mas, ao passar por mim, dá-me um pequeno encontrão de propósito. Não diz uma única palavra, mas sei perfeitamente o que aquilo significa: está a dar-me a sua aprovação.

O Will pega nos dois últimos sacos.

— Com que então, *Lake*? Gosto disso. — Entrega-me os sacos e fecha a bagageira. — Olha, *Lake*. — Encosta-se ao carro e cruza os braços. — Eu e o Caulder vamos a Detroit na sexta-feira. Só voltamos no domingo ao fim do dia... São cenas de família — acrescenta, agitando a mão num gesto displicente. — Estava a pensar se já terias planos para amanhã à noite, antes de eu ir?

É a primeira vez que alguém me chama Lake, tirando os meus pais. E a verdade é que gosto. Encosto o ombro ao carro e viro-me para ele. Tento manter a compostura, mas por dentro estou a gritar de entusiasmo.

— A sério que me vais obrigar a admitir que não tenho absolutamente vida nenhuma aqui? — digo.

— Ótimo! Então, está combinado. Venho buscar-te às sete e meia. — Ele vira-se imediatamente e segue para casa, e é então que percebo que, na verdade, ele nunca chegou a *perguntar...* e eu nunca cheguei a *aceitar*.

O AMOR PODE SER COMO UM POEMA. MAS TAMBÉM PODE PARTIR-NOS O CORAÇÃO.

Depois da morte inesperada do pai, aos 18 anos Layken é forçada a ser o apoio da mãe e do irmão mais novo. Por fora, aparenta ser resiliente e tenaz, mas por dentro está a perder a esperança.

Até que conhece Will Cooper, o seu novo e atraente vizinho de 21 anos que é apaixonado por poesia *slam* e dono de um sentido de humor único. Em poucos dias, estabelecem uma intensa ligação emocional, proporcionando a Layken uma renovada esperança.

Porém, pouco tempo depois de um extraordinário primeiro encontro, as suas vidas são abaladas por uma chocante revelação que põe em causa a relação. A convivência diária entre ambos torna-se cada vez mais difícil, enquanto Layken e Will tentam lidar com os sentimentos que os aproximam e com o segredo que teima em mantê-los afastados.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

@topseller.suma

penguinlivros

ISBN: 978-989-563-983-4



9 789895 839834